

# **Resistência da Reportagem Investigativa e/ou Literária: Análise do aprofundamento das técnicas jornalísticas nas revistas Brasileiros e Rolling Stone<sup>1</sup>**

Bruna Vieira GUIMARÃES<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.

Ingrid GOMES<sup>3</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.

**RESUMO:** Análise das reportagens investigativas e/ou literárias publicadas nas edições de maio e junho de 2009, nas revistas mensais Brasileiros e Rolling Stone<sup>4</sup>. A metodologia adotada foi a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), utilizando-se como categorias as questões jornalísticas relacionadas à profundidade, as fontes, ao discurso (narrativo, dissertativo, descritivo), ao tema e à contextualização do assunto. Foram comparadas as técnicas usadas nas duas revistas, com base nos conceitos definidos por SEQUEIRA, 2005; LIMA, 2004; e VILAS BOAS, 2008. A hipótese levantada para a pesquisa científica é visualizar a técnica literária/investigativa como resistência no jornalismo cotidiano, desenvolvido pelos veículos em análise. Portanto entender como são realizadas as grandes reportagens nessas duas revistas torna-se necessário à área da pesquisa, para ser instrumento norteador do jornalismo atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Investigativo, Jornalismo Literário, Revista Brasileiros, Revista Rolling Stone, Análise de Conteúdo.

## **Introdução**

O trabalho científico visa analisar as técnicas jornalísticas, em específico às do jornalismo investigativo e do jornalismo literário sob quatro focos principais: Fontes, Discurso (narrativo, descritivo, dissertativo), Aprofundamento e Contextualização. Nesse sentido, orientar o leitor por meio das análises, quais desses focos são utilizados pelos veículos mensais Rolling Stone e Brasileiros, verificando se a intenção de desenvolverem investigação ocorre de fato. Ao longo dos três anos de circulação das duas revistas selecionadas neste artigo, verifica-se que mensalmente, tanto a Brasileiros como a Rolling Stone, reservam espaço para a publicação de grandes reportagens, sejam elas investigativas e/ou literárias.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista com experiência em jornais, revistas e assessoria de imprensa no Litoral Norte Paulista. Mestra em Comunicação Social pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo). Cursa especialização em Jornalismo Literário na ABJL (Academia Brasileira de Educação e Jornalismo Literário). Em 2008, ministrou a disciplina de Jornalismo Investigativo na Universidade Paulista – UNIP, Campus Chácara (SP). E-mail: brunajornalista@hotmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), orientação: Prof. Dr. José Salvador Faro. Mestra em Comunicação Social pela UMESP, Especialista em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e graduada em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba. Foi sócia fundadora da Empresa Saúde S/a em São Paulo, onde era redatora editorial, e trabalhou como Jornalista Responsável na editora Latin Med em Piracicaba e, posteriormente, São Paulo. E-mail: ingridgomessp@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> A escolha das autoras por dois exemplares das revistas justifica-se em razão do espaço de no máximo 15 páginas para a exploração do artigo científico.

As autoras adotam o conceito de reportagem definido por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p.11) como “uma extensão da notícia e, por excelência, a forma narrativa do veículo impresso”. Constitui-se um gênero jornalístico como define José Marques de Melo (1985, p.49): “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”.

Nesta mesma linha, Edvaldo Pereira Lima (2004, p.24) define que a “grande reportagem” é fruto da reportagem que “dá um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia, e ganha a classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão em exame”.

Portanto, este artigo analisará duas categorias jornalísticas, as grandes reportagens literárias e as grandes reportagens investigativas, entendendo que ambas apresentam algumas características em comum, apesar de terem finalidades e origens diferentes<sup>5</sup>.

Segundo Sérgio Vilas Boas (2008, p.10), o jornalismo literário é “reportagem ou ensaio em profundidade nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Também conhecido como Jornalismo Narrativo”. Os pilares que sustentam este tipo de produção: humanização, imersão, exatidão, autoria, estilo e criatividade. Outras técnicas marcantes: uso de metáforas, digressões, monólogos interiores, fluxos de consciência, diálogos, descrições minuciosas, entre outras.

Segundo Cleofe Monteiro de Sequeira (2005, p.61), jornalismo investigativo é uma categoria que emergiu com a transformação das empresas jornalísticas em indústrias da comunicação.

É quando a reportagem ganha, então, novo sentido, passando a conter os seguintes elementos: uma dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação entre outros fatos (contexto) e a incorporação do fato a uma tendência e sua projeção para o futuro. [...] Ele se transforma em jornalismo investigativo quando o repórter utiliza técnicas e estratégias peculiares, que não fazem parte da rotina dos jornalistas de atualidade, e quando torna públicos os acontecimentos que grupos de poder querem esconder da sociedade. (SEQUEIRA, 2005, p.61-62).

---

<sup>5</sup> Os primórdios do jornalismo literário remontam à escola do realismo social no século XIX, na Inglaterra e França. No Brasil, está presente na obra *Os Sertões*, em 1902, de Euclides da Cunha, posteriormente na revista *Cruzeiro*, *Realidade*, entre outras. A produção americana (ininterrupta ao longo do século XX) remonta aos anos 1920 e 1930 com a revista *The New Yorker*, tendo como auge os anos 1960 e 1970 com a efervescência do *New Journalism* (VILAS BOAS, 2008, p.13-16). Já a origem do jornalismo investigativo situa-se no período pós-segunda guerra mundial, quase todos produzidos nos Estados Unidos, especialmente a partir de 1955 (SEQUEIRA, 2005, p.11). O ano de 1972 marcaria para sempre o jornalismo investigativo com as reportagens de Carl Bernsteine e Bob Woodward no caso Watergate, que levou a renúncia o presidente americano Richard Nixon. “No Brasil, o boom da investigação jornalística teve de esperar o fim da ditadura militar (1964-1985) para acontecer. [...] Com a redemocratização do país, em 1985, os jornalistas começaram a respirar, a fugir do noticiário oficial e, finalmente, a buscar a melhor notícia – aquela que está escondida”. (FORTES, 2007, p.10).

E para cumprir com o método de pesquisa da análise de conteúdo, foram escolhidas como objetos de estudo, quatro grandes reportagens, duas publicadas na revista Brasileiros e duas na Rolling Stone. BARDIN (1977) afirma que a análise de conteúdo se faz necessária para averiguar em profundidade e neutralidade o recorte escolhido pelo pesquisador. Nesse sentido é válido destacar que esse é um importante método para análise de periódicos semanais e mensais, em razão do seu teor de classificação através da categorização e da comparação dos resultados, em se tratando de mais de uma revista para a composição da amostragem da pesquisa.

O artigo está dividido nas seguintes partes: breve histórico das revistas, seguido da descrição das reportagens e da análise conceitual *in foco*. Na análise estão conceituadas algumas características intrínsecas do jornalismo investigativo e do jornalismo literário, tendo como base autores brasileiros. E por fim, a conclusão com a comparação e validação dos resultados após a análise.

### **Histórico - Revista Rolling Stone**

A revista mensal Rolling Stone que é do selo americano, teve sua primeira edição com a marca zero em novembro de 1971, com cerca de 30 mil leitores, em plena época da ditadura militar brasileira. Nessa época, teve a duração de 36 edições e já indicava uma linha editorial muito além do rock'n'roll como estilo musical, mas como maneira e comportamento de viver e pensar a vida. Público de contracultura que sabia conceituar o divisor de águas que representou essa época e toda a geração posterior, que da vida almejavam muito além de sexo, drogas e rock'n'roll<sup>6</sup>.

Mas foi em outubro de 2006 que a revista retornou ao País, com nova versão, em razão das mudanças tecnológicas e empresariais, como formato, diagramação pesada, valorizando mais fotografias. As editorias foram inovadas e estão bem próximas, em termos de conteúdo, do selo americano e mundial da Rolling Stone. Entretanto há um fator que qualifica a revista como típica brasileira, além da característica original que é peculiar de cada país, a exploração de investigações sobre assuntos que extrapolam o cenário musical-cultural do Brasil, os quais não se encontram com facilidade em meios que tenderiam a ser mais aprofundados na investigação, como as revistas semanal e mensal.

---

<sup>6</sup> ROCHA, Antônio do Amaral. **A primeira versão**. Disponível em: <http://www.rollingstone.com.br/edicoes/1/textos/289/>, acessado em 24/06/2009.

Em cada edição varia o número de reportagem investigativa, na de maio manteve-se a editoria *Política Nacional*, com quatro páginas de conteúdo (que podem ser reportagens – o mais comum – e entrevistas), e a editoria *Conexão Brasilis*, com seis páginas de conteúdo jornalístico. Na de junho, a editoria *Política Nacional* estava com três páginas de conteúdo, e a editoria *Conexão Brasilis*, com cinco páginas, também teve na editoria *Acontece* uma reportagem sobre o programa espacial do Brasil, remexendo na questão burocrática e sem incentivo do programa. Os assuntos na editoria *Acontece* mudam, bem como o gênero jornalístico, normalmente entrevistas em profundidade.

Para tanto será analisada a editoria *Conexão Brasilis*, dos dois meses – maio e junho, pois ela é a única fixa que frequentemente apresenta uma reportagem, e com profundidade e originalidade. Os repórteres que escrevem nessa editoria variam a cada edição.

### **Histórico - Revista Brasileiros**

Circulou pela primeira vez em julho de 2007, com 50 mil exemplares, no entanto a tiragem da Revista Brasileiros nas duas edições analisadas (maio e junho de 2009) foram de 30 mil exemplares. Intitula-se como “a revista mensal de reportagens”<sup>7</sup>.

A Brasileiros é dirigida por um grupo de jornalistas e colaboradores renomados, que afirmam ter o propósito de resgatar as grandes reportagens, como fez a revista *Realidade* nos anos 60 e 70 revolucionando o mercado jornalístico brasileiro<sup>8</sup>. Tal propósito está explícito no editorial, no primeiro exemplar da Brasileiros, escrito pelo diretor-responsável Hélio Campos Mello<sup>9</sup>:

Este é seu primeiro número e o início de um trabalho em que a saga dos personagens deste país plural será o alvo de nossos repórteres. Qualquer morador do Brasil, qualquer brasileiro fora do País, qualquer um que tenha uma boa história para contar nos interessa. [...] Como o País, Brasileiros é uma revista plural. Não é chapa branca -não está aqui para bajular este ou aquele governo-, nem é chapa preta -não tem como missão promover o apocalipse a qualquer custo e a qualquer prêmio. Brasileiros não terá pruridos nem para elogiar, nem para criticar. (MELLO, 2007, p.7).

---

<sup>7</sup> MELLO, Hélio Campos. **Quem somos**. Disponível em: <http://www.revistabrasileiros.com.br/paginas/quem-somos/>, acessado em 01/07/2009.

<sup>8</sup> O estudo de José Salvador Faro (1999) confirma que a revista *Realidade*: [...] lançada em 1966 e produzida durante 10 anos consecutivos, representa para os profissionais da imprensa e para os estudiosos da vida cultural brasileira um momento obrigatório de referência, tanto pela abrangência dos temas que reportou quanto pela forma como o fez (FARO, 1999, p.13).

<sup>9</sup> Hélio Campos Mello dirigiu a revista *Isto É* por 12 anos, até fevereiro de 2006 sob seu comando, a revista recebeu dez prêmios Esso. Passou pela *Veja*, pelo *Estadão* e pela *Agência Estado* e foi correspondente de guerra. Junto com William Waack, foi preso por tropas iraquianas na Guerra do Golfo. Em 2006, fundou a **Revista Brasileiros**.

A linha editorial da revista<sup>10</sup> privilegia o trabalho de colaboradores (jornalistas ou não), inclusive, em todas as edições a revista dedica uma página de apresentação, com o míni-currículo de tais colaboradores. As duas reportagens analisadas foram escritas por colaboradores.

A revista estrutura-se em quatro partes: nas primeiras 20 páginas constam o editorial, as cartas dos leitores e os colaboradores. A segunda parte intitulada “30 dias”, ocupa outras 30 páginas com artigos, comentários, crônicas e notícias de caráter cultural. A terceira parte é a matéria de capa, em formato de entrevista ping-pong (pergunta e resposta), ocupa 15 a 20 páginas, com perfis diversos de pessoas comuns ou famosas. Na edição de maio, a entrevistada foi com a escritora Lygia Fagundes Teles que tinha acabado de mudar de editora, e na edição de junho, o cineasta José Padilha que estava divulgando “Garapa”, seu novo filme sobre o problema da fome no País. Na quarta parte da revista, que ocupa as 40 últimas páginas, estão as grandes reportagens no estilo do jornalismo literário. E precisamente na última página, há a coluna “Você acredita no Brasil?” com respostas de brasileiros das mais diversas classes sociais, étnicas e econômicas. O número total de páginas por edição foi de 114.

### **Descrição das Reportagens da Revista Rolling Stone**

**Maio** - A reportagem da editoria Conexão Brasilis: “O verdadeiro preço do etanol”, com a linha fina: “O Brasil, maior produtor e exportador mundial do etanol, é o mesmo que emprega feitores nas lavouras de cana de Pernambuco, desrespeita a legislação trabalhista, comete crimes ambientais e oferece apoio político a usineiros fora-da-lei”. Repórter Maurício Monteiro Filho e fotógrafo André Pessoa.

A reportagem se apresenta em seis páginas informativas, dentre elas quatro de texto. Duas páginas para o título e linha fina, aproveitando uma foto, como cenário de apresentação do tema, evidenciando dois cortadores de cana em uma usina em Pernambuco.

Na reportagem contextualiza-se a denúncia da falta de pagamento da Usina Cacaú, na zona da mata pernambucana, aos cortadores de cana, que acabam seguindo para suas terras de origem depois do trabalho de meses na Usina sem seus rendimentos suados. O repórter indica também na reportagem a partir da contextualização dessa denúncia da Usina Cacaú a ligação de setores do governo com proprietários das Usinas, e evidencia

---

<sup>10</sup> A equipe de Brasileiros tem como diretores adjuntos, o jornalista Ricardo Kotscho, que trabalhou em quase todos os órgãos de imprensa do Brasil, foi correspondente na Alemanha pelo *Jornal do Brasil*, secretário de imprensa do governo Lula até o final de 2004, e Nirlando Beirão, colunista da revista *Carta Capital* onde foi correspondente em São Francisco (EUA) e da *Isto É* em Nova York, colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*.

que muitas, mesmo depois de multadas, continuam a submeter seus funcionários a regime de escravidão e de degradação explícita do meio ambiente.

Ressalta outras usinas com problemas de trabalhadores em péssimas situações de trabalho, dentre elas cita a Usina Gameleira, de Mato Grosso, em que em junho de 2005 foram libertados 1003 trabalhadores que estavam em regime de escravidão. Aponta a questão de usineiros de carreira em Pernambuco que se utilizam da “fama” e dos lobbys entre as Usinas e o Governo para entrarem na política e continuarem com as facilidades de burlar as leis de trabalho e do meio ambiente.

Outra questão denunciada na reportagem, que finaliza o texto jornalístico, é a da infração humana de despejo de uma comunidade da Ilha de Constantino para a periferia de Sirinhaém. Além da degradação que a Usina Trapiche está realizando na Ilha.

O resíduo da destilação fracionada do caldo de cana-de-açúcar fermentado para a obtenção do etanol, vinhoto é pastoso e malcheiroso. Pode ser utilizado como fertilizante, mas é fatal aos rios. Calcula-se que 12 litros dessa substância correspondem à produção de 1 litro de etanol. (FILHO, 2009, p.104).

**Junho** - A reportagem da editoria Conexão Brasilis: Fronteira Final: Alcântara, no Maranhão, é um espelho dos paradoxos do Brasil. De um lado, povoados quilombolas lutam por suas terras de direito; de outro, o programa espacial brasileiro prega o desenvolvimento e a expansão. Escrita pelo repórter Carlos Juliano Barros.

Nela constam cinco páginas de reportagem, em que duas são de ilustração e introdução do tema. Apresenta duas fotos, uma em três partes, mostrando a estrada do local, a outra um homem no início de uma lagoa e a última uma mulher trabalhando e um menino ao lado a olhando; a segunda foto, na última página, evidencia em *close* o Coronel Andrade e ao lado um mapa do Centro de Lançamento.

Na reportagem contextualiza-se o atual problema entre os maranhenses que moram, ou que tiveram que se retirar do local de origem, em Alcântara, no Maranhão. É nesse município que segundo o repórter, sem fonte de pesquisa citada, menos de um quarto da população tem água encanada em casa, e é onde se localiza a base do Centro de Lançamento Sideral (CLS) do Brasil. Neste Centro surgiu uma empresa binacional, na união de interesses espaciais, entre Ucrânia e Brasil, a empresa chama-se Alcântara Cyclone Space (ACS).

Contudo partindo da apresentação dos objetivos dos dois países e do cenário de disputa (entre maranhenses e a base espacial de Alcântara) ocorre a problematização do embate dos quilombolas, gerações de descendentes de escravos que viviam da pesca, antes da construção do Centro Espacial no município, que o fizeram na época da ditadura militar

brasileira se retirarem para arredores do local de origem<sup>11</sup>. A Base Espacial quer construir mais sítios de lançamentos de foguetes sobre parte da área pleiteada pelos quilombolas.

Todavia na reportagem o leitor encontra contextualização de fontes e cenário histórico dos dois lados. O repórter coloca para reflexão no final da reportagem a falta de verbas do governo brasileiro para o Centro Espacial, bem como para o próprio município e cita ainda as casas que começaram a ser construídas para os funcionários do Centro que viraram fantasmas no horizonte do CLA.

### **Análise das Reportagens da Revista Rolling Stone**

**Maio** - Na reportagem de seis páginas de conteúdo jornalístico, e em específico quatro de texto, utilizou-se de mais de um discurso textual. O discurso dissertativo foi à base de desenvolvimento do texto com pequenas inserções narrativas e descritivas. As passagens de narração vinham na justificativa do peso do texto de polêmica, ou seja, foi utilizado o recurso da narração para afirmação de informações importantes e polêmicas na história reportada. Logo no início, quando o repórter apresenta sua entrada na Usina de Cacaú, onde se desenrolará sua principal denúncia, se defronta com um agrônomo da empresa, que se comporta como um vigia do lugar:

Repeti a palavra “capatazes” algumas vezes em nossa conversa. Isso parece ter incomodado o agrônomo, que disse:  
-- Aqui não tem isso de “capatazes”. Essa palavra tem um sentido ...  
-- Tudo bem, feitor, então ....  
-- Isso. (FILHO, 2009, p.100).

Para então comprovar o cenário de confronto na investigação ele faz uso da narração na íntegra do comentado pelo agrônomo, além deste afirmar que desenvolve trabalho de Feitor na Usina. Este recurso da construção cena a cena, usado no jornalismo literário, tem como propósito levar o leitor para “dentro” da história narrada.

O repórter também usa os discursos descritivo e narrativo para interagir com o leitor, e com o texto de denúncia passa mais harmonia e “humanização” (outra característica do jornalismo literário). A descrição de local e cenário é assim: “A monótona paisagem de oceanos de cana que emoldurou a viagem vai dando lugar a um mangue que parece intocado”. (FILHO, 2009, p.100). Houve aprofundamento nas problemáticas dos personagens envolvidos no tema, respeitando uma visão humana e de responsabilidade sobre as vidas envolvidas, e na apuração da investigação a característica

---

<sup>11</sup> “A história começou nos anos 80, quando centenas de famílias foram removidas de seus locais de origem para a instalação do CLA. Sintomaticamente, os militares confiaram a um veterinário a responsabilidade de lidar com os quilombolas. Um processo traumático que deixou feridas abertas até hoje, e que motivou inclusive a criação do Movimento dos Atingidos pela Base Espacial”. (BARROS, 2009, p.102).

principal de grande reportagem, a contextualização, foi marca dos ganchos e enredos dissecados na reportagem.

Vislumbrou-se 15 fontes de pesquisa, principalmente as testemunhais e primárias. Fontes<sup>12</sup> primárias-testemunhais: os cortadores de cana, Luiz Carlos Matias do Nascimento; Genival da Silva; Paulo Jorge Melo; as moradoras Maria Nazaré dos Santos e Maria das Dores; o agrônomo e feitor José Antônio da Silva. Fonte secundária-testemunhal: padre Tiago Thorlby. Fonte secundária-independente: líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), Jaime Amorim. Fontes secundárias-oficiais: Ministério do Trabalho e do Emprego; Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de Pernambuco; fala do presidente Lula; fala do ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do presidente do sindicato da indústria do açúcar e do álcool no estado de Pernambuco, Renato Cunha.

Observando a utilização das fontes afirma-se à análise a característica investigativa do tema, aprofundando e contextualizando os arredores do assunto, agindo com olhar humano e de responsabilidade do título desenvolvido.

**Junho** - Na segunda análise da *Conexão Brasilis*, o discurso utilizado pelo repórter é dissertativo, em terceira pessoa do singular na maior parte do texto, com algumas inclusões narrativas, em primeira pessoa, para introduzir uma fala descritiva de lugares, fontes e outras informações necessárias para o leitor imaginar o local.

Dentre esses trechos narrativos em que o repórter se coloca como personagem atuante no texto jornalístico vê-se sua justificativa no ligamento entre ganchos na matéria, que são dissertativos com utilização de fontes pertinentes ao tema. Os links desenvolvidos pelo repórter por meio dessas ligações narrativas e às vezes descritivas possibilitam uma afinação no texto, até porque ele é longo e impõe a necessidade de dinâmica, característica do jornalismo das grandes reportagens. Uma das dez inserções do autor, na reportagem:

Depois de me despedir de Militina, subi na garupa da moto-taxi e enfrentei mais alguns quilômetros de estradas precárias rumo à agrovila Pepital. Esse lugar remonta aos primórdios da instalação da base da Aeronáutica, nos anos 80, quando os militares transferiram centenas de famílias para núcleos habitacionais no interior de Alcântara, as tais agrovilas, bem longe do mar. (BARROS, 2009, p.103).

Contudo percebe-se a contextualização e mesmo a ambientação descritiva-narrativa do lugar, por meio da inserção da primeira pessoa do singular. Ao passo que o

---

<sup>12</sup> A referência de categorias de fontes foi baseada na leitura de Nilson Lage (2002), do livro *A Reportagem*.

autor realiza sua entrada participativa no texto, ele interpõe fontes que caracterizam as informações, além de dar momento textual de ritmo e desenvolvimento.

Na contextualização, coube ao repórter a responsabilidade de problematizar os vários cenários do tema. Tanto as dificuldades econômicas e estruturais, e o reconhecimento étnico do povoado quilombola de Alcântara, bem como da falta de incentivo financeiro e legislativo do Centro Espacial de Alcântara, além de trazer outros conhecedores do problema e investigações que vão além das informações das fontes de pessoa, por meio de entrevista; como se vê na citação de pesquisa do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e do professor da Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência (SBPC), Ennio Candotti.

O recurso que o repórter utiliza para demarcar uma contextualização mais intimista com o leitor, desenvolvendo um olhar humanista da informação, é descrever o cenário.

Foram utilizadas fontes primárias e testemunhais: Militina, líder dos quilombolas de Alcântara; Leandra de Jesus Oliveira, moradora de uma das agrovilas. Fontes primárias e oficiais: Nilo Andrade, coronel que chefia a CSA; Roberto Amaral, presidente da empresa binacional Alcântara Cyclone Sapce (ACS); Carlos Ganem, presidente da Agência Espacial Brasileira (AEB). Fontes secundárias e oficiais: Nota oficial da direção do Gabinete de Segurança Institucional (GSI); procurador do Ministério Público Federal do Maranhão, Alexandre Soares; Secretaria Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial (Seppir), ministro Édson Santos; deputados federais Domingos Dutra (PT/MA) e Ribamar Alves (PSB/MA); José Monserrat Filho, chefe da Assessoria de Cooperação Internacional do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Fontes secundárias e experts: ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e professor, Ennio Candotti e informações do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (publicação da Organização das Nações Unidas). Fonte oficiosa: Sergio Gaudenzi, ex-presidente da AEB.

A utilização de 14 fontes, dentre elas primárias-testemunhais, primárias-oficiais, secundárias-experts, secundárias-oficiais e oficiosas, possibilita afirmar a busca do repórter por checagem e garimpo aprofundado das informações, acoplado à investigação credibilidade e dinamismo no texto da reportagem, além de valor humano da história descrita, viabilizando ao leitor um olhar mais sensível e apreciativo, o qual o autor o faz sem precisar utilizar de sensacionalismo.

Logo, percebe-se o aprofundamento na informação jornalística. A reportagem teve cinco páginas de informação, dentre elas três de texto. Viram-se a contextualização e o aprofundamento do jornalismo, características centrais das grandes reportagens, conceituadas à cima.

### **Descrição das Reportagens na Revista Brasileiros**

**Maio** - A reportagem analisada intitula-se “Tabatinga – viagem à fronteira do Brasil com a Colômbia”, com texto e fotos da jornalista Ann Mary Perpétuo<sup>13</sup>. A linha fina mostra o tom da reportagem: “Repórter atravessou fronteiras, viajou pelo rio Amazonas e enfrentou muito calor e chuva para rever seu filho que atuava como médico em cidade no meio da mata”. (PERPÉTUO, 2009, p.72).

A foto de abertura da reportagem ocupou grande parte das duas primeiras páginas, e mostra algumas casas simples situadas na beira do rio. Uso de info-gráficos como os dois mapas de localização destacando as cidades de Tabatinga no Brasil e Letícia na Colômbia. Na quarta página, há uma sessão com nove pequenas fotos e nas duas últimas páginas, dois boxes complementares de informação, ilustrados com foto, o primeiro box “Pela educação dos índios” é uma entrevista com a antropóloga Elena Welper, e o segundo “Fronteiras da saúde”, o depoimento do médico Pedro Rocha Pitta.

A reportagem ocupou seis páginas, e nas páginas de texto faz-se o uso de ‘olho’ (frases em destaque com letras maiores). O texto narrativo com muitos trechos descritivos, escrito em primeira pessoa, com as reflexões da jornalista frente à situação de miséria da população em duas cidadezinhas na Amazônia. O relato da viagem de uma mãe e jornalista que vai rever seu filho médico, que junto a outros 15 clínicos gerais, estão emprestados ao Exército brasileiro atuando em dois hospitais militares abertos a população. A viagem era para ser feita de barco, mas foi de avião. Rio de Janeiro com destino a Bogotá, capital colombiana.

Em Tabatinga, a jornalista denuncia os altos índices de gravidez precoce, turismo praticamente inexistente e, economia do cultivo indígena em pequena escala. Ela descreve que a cidade é “um caldeirão de raças, habitada por colombianos, peruanos, índios ticunas e brasileiros de diferentes partes do País”. No final da reportagem Ann Mary cita a trajetória de vida da diarista Claudete que trabalha para alguns médicos. “Tem 26 anos e

---

<sup>13</sup> Na página 15, da revista Brasileiros de maio/2009, consta o mini-currículo da psicóloga e jornalista Ann Mary Perpétuo: Nascida em pleno Palácio da Guanabara no Rio de Janeiro, Ann nunca viveu na capital carioca. Passou a infância entre Brasília e Minas Gerais, pois seu pai era auxiliar de Juscelino Kubitschek. Parou em Tiradentes, onde criou seus quatro filhos. Psicóloga de formação e jornalista por opção, hoje faz traduções, é repórter *free-lancer* e produtora cultural em Petrópolis, onde mora. Em sua estreia na **Brasileiros**, ela traça um perfil de Tabatinga, cidade da fronteira entre Brasil e Colômbia.

quatro filhos. A mais velha, com 12 anos, cuida dos pequenos enquanto a mãe trabalha. Uma história recorrente”. (PERPÉTUO, 2009, p.75).

**Junho** - A reportagem selecionada foi “Os dois lados da Raposa Serra do Sol”, com texto dos sociólogos Daniel Veloso Hirata e José César Magalhães e fotos de Fábio Braga<sup>14</sup>, trata da problemática da demarcação de terras indígenas utilizadas por arroteiros. Nas oito páginas da reportagem consta a foto de abertura ocupando duas páginas - paisagem da Serra do Maturuca dentro da reserva indígena Raposa Serra do Sol-, texto dividido em duas partes: Os arroteiros e Os índios, uso de frases de impacto em destaque com letras maiores, e nas duas últimas páginas o box “Novos rumos”, um mix de seis pequenas fotografias devidamente legendadas, além de texto.

Na parte Os arroteiros, no qual o texto está espalhado em duas páginas com duas fotos pequenas mostrando três tratores colhendo arroz e a foto de Izabel Itikawa, principal entrevistada nesta primeira parte. Casada e com filhos, é proprietária de mais de 7 mil hectares dedicados à produção de arroz. Em 1994, construiu uma fábrica de beneficiamento nas imediações de Boa Vista, hoje é a segunda maior no estado, no ramo.

Izabel contesta a decisão do Supremo Tribunal Federal que garantiu a demarcação contínua da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol e determinou a desintrusão (processo de retirada ou remoção dos ocupantes ou invasores dos limites das terras indígenas já reconhecidas e demarcadas pelo Governo Federal, considerada exclusiva aos membros pertencentes àquela comunidade) das três fazendas da Empresa Itikawa, áreas de propriedade de não-índios no interior da reserva.

Na parte Os Índios, o texto de três páginas com apenas duas ilustrações, uma ocupando um quarto da página mostra a comunidade de Maturuca, e a foto menor com Dionito e o irmão Jaci, principais líderes Macuxi nas questões indígenas. No parágrafo abaixo, Dionito ao lado de representantes da Funai e do Incra, debatem hoje outros dilemas:

A posse da terra é o primeiro passo para a autonomia indígena, mas não mais do que isso: qual a validade das condicionantes impostas pelo Supremo Tribunal Federal para a homologação? Em que direção realizar o desenvolvimento econômico da reserva? Qual a capacidade técnica atual para realizar isto? Como lidar com a ausência de suporte do lado dos governos estadual e federal? Quais outras organizações estariam dispostas a auxiliar este projeto? Estes impasses estão longe de estar equacionados [...]. (HIRATA; MAGALHÃES JR, 2009, p.92).

---

<sup>14</sup> Na página 16, da revista Brasileiros de junho/2009, consta o mini-curriculum dos sociólogos José César Magalhães e Daniel Veloso Hirata e do fotógrafo Fábio Braga: São interessados em situações e histórias de vida que descrevam as novas faces da sociedade brasileira a partir de seus campos de conflito. Com textos produzidos por José César e Daniel e fotos de Fábio, eles têm como proposta apontar e registrar situações problemáticas e importantes no Brasil, mas nem sempre evidentes. Assinam a matéria sobre o conflito entre índios e arroteiros na Raposa Serra do Sol.

O trecho acima demonstra que os autores levam os leitores à reflexão, ao questionamento. Um histórico importante resgatado na reportagem é que os “maus tratos” dos fazendeiros para com os índios vêm da década de 70, quando “os brancos” usavam mão de obra em troca de comida e cachaça. Dionito propõe que os índios hoje tenham autonomia, o que significa contato com o governo sem intermediação de instituições. Ele afirma que os índios seriam capazes de criar um plano de desenvolvimento para a região que passaria pela agricultura, pecuária e turismo. No box final da reportagem, tem o depoimento de Izabel, um mês depois do processo de desintrusão, na qual ela tinha planos de ampliar sua usina de beneficiamentos, mas esperaria o tempo passar para adquirir novas áreas para a rizicultura.

### **Análise das reportagens na Revista Brasileiros**

**Maio** - Um texto totalmente no estilo do jornalismo literário, com humanização dos personagens reais, descrição de cenários, e autora tendo total liberdade de propósito e abordagem. A característica comum ao jornalismo investigativo foi à denúncia, mesmo que de forma implícita no texto, da grave situação social vivida pela população em duas cidades incrustadas na floresta Amazônica.

A jornalista Ann Mary faz uso de metáforas, digressões, monólogos interiores, fluxos de consciência, diálogos, descrições ao longo do texto. Segue um pequeno trecho:

A Amazônia era por si um universo quase que de fábulas e criaturas e seres de outra natureza que habitavam minha imaginação. Esse fascínio se desdobra em uma grande curiosidade em mapear o continente sul-americano, para mim um reservatório de referências culturais, históricas, gastronômicas [...]. Essa viagem era a minha fome com muita vontade de comer. [...] [A viagem] seria feita em um barquinho que em nada deveria ao Harrison Ford em uma de suas aventuras, em cerca de sete dias Rio Amazonas acima, satisfazendo toda a sede por penetrar o Brasil profundo. (PERPÉTUO, 2009, p.73-74).

Em outro trecho, a jornalista demonstra que realizou pesquisas para fazer uso de comparações no texto.

O consumidor médio colombiano tem mais poder aquisitivo que o seu equivalente brasileiro [...]. Ao que tudo indica nossos vizinhos estão não só com o dever de casa totalmente em dia, como também incorporaram uma solução brasileira para sua intrincada malha de transportes urbanos: o sistema de transbordo criado por Jaime Lerner em Curitiba, que corta a cidade em dois grandes eixos. [...] As avenidas amplas que evocam o escritor João Paulo Cuenca e sua opção por andar a pé [...]. (PERPÉTUO, 2009, p.74).

O discurso predominante foi o narrativo, na primeira pessoa do singular. Com trechos descritivos e ricos em detalhes, com ambientação do local e cenário, o que deu a

tona dinâmica da narrativa. Apesar de ser um relato pessoal, a jornalista aprofundou a problemática da diarista Claudete, e nos dois boxes da reportagem, na entrevista da antropóloga Elena Welper e no depoimento do médico Pedro Rocha Pitta. Estes dois últimos foram às fontes primárias-testemunhais da reportagem, além de citações de outros personagens como o Pedro e o Gabriel Barcelos, médicos que o seu filho dividia a casa em Tabatinga. Uma fonte de informação citada pela jornalista foi o blog do médico Bernardo Wittlin (<http://cronicasdopirarucu.blogspot.com>).

Percebe-se um texto literalmente literário com uso de poucas fontes de entrevista, mas muita observação participante e vivência testemunhal da autora da reportagem.

**Junho** – Os autores fazem uma contextualização com o histórico da região que serve como gancho para a história do arroteiro Nelosn, marido de Izabel.

Desde os tempos de Marechal Rondon, aquelas terras ainda careciam de um projeto regional capaz de impulsionar o povoamento e o crescimento econômico. No início dos anos 1980, depois de várias tentativas malogradas de projetos de colonização, o governo do Brasil contrata para o então território federal um profissional que deveria apontar “a vocação econômica de Roraima”. Era Nelson Itikawa, nascido no Paraná, engenheiro agrônomo, produtor de arroz e futuro marido de Izabel. (HIRATA; MAGALHÃES JR, 2009, p.90).

Os autores fazem uso de citação direta, como no trecho da página 91, no qual Izabel afirma: “Eu não tenho nada contra índio, não. Eu cresci convivendo e brincando com índio”. Sua posição resume a posição de outros produtores de arroz de Roraima. Para eles, a demarcação da reserva passa por interesses maiores que os indígenas: um projeto de intervenção na Amazônia para o bloqueio da expansão econômica da região. Num outro trecho os autores utilizam à técnica da descrição do cenário, no local dos acontecimentos: “Sob o teto de uma maloca de quase seis metros de altura, lideranças indígenas de diversas etnias locais discutem o incerto futuro da reserva Raposo Serra do Sol”. (HIRATA; MAGALHÃES JR, 2009, p.90).

Os sociólogos utilizaram à técnica da humanização dos personagens, como consta no trecho: “O que une esses índios é uma história comum dos contatos com a sociedade branca e sua organização em torno da questão da terra. Maria, 41 anos de idade, índia Macuxi nascida na comunidade de Cumanã (parte serrana da reserva) e atual professora [...]”. (HIRATA; MAGALHÃES JR, 2009, p.92).

Quanto às fontes, na parte dos arroteiros, as primárias-testemunhais são Izabel Itikawa, principal entrevistada, além do líder dos arroteiros Paulo César Quartieri. Na parte dos índios, duas fontes primárias-testemunhais, Dionito líder indígena e a professora

Maria. As fontes do governo foram somente citadas no texto e não entrevistadas. Quanto à referência de fontes de pesquisa, os sociólogos deixaram o registro de terem usado informações do livro “Máfia Verde 2 – ambientalistas: novo colonialismo”, no qual um de seus autores é Lorenzo Carrasco, primeiro depoente na CPI das ONGs no Senado.

**Conclusão:** Em ambas as revistas analisadas vêem-se o aprofundamento dos fatos reportados, partindo da contextualização, resgate histórico, inserção de elementos participativos dos repórteres, dimensão comparada, remissão ao passado, interligação com outros fatos, contribuem para o entendimento mais amplo dos temas e propõem, mesmo que de forma implícita, o questionamento e a projeção futura dos temas abordados.

No entanto, na Revista Brasileiros utiliza-se mais o recurso participativo e opinativo dos repórteres diante dos contextos aos quais os autores das reportagens se deslocam, e a investigação volta-se mais para o olhar testemunhal. Já na Revista Rolling Stone são as fontes que proporcionam conhecimento factual sobre o cenário descrito das reportagens, caracterizando assim as matérias investigativas de confronto de dados e de denúncia. Logo, percebe-se o peso investigativo de confrontar fontes e informações oficiais, além de desenvolver fatos geradores de interesse, cenário de denúncia e omissão das notícias e reportagens do cotidiano.

Uma mescla de discursos é desenvolvida pelas duas revistas analisadas. Na Brasileiros é promovido mais a inclusão de discurso narrativo e descritivo, bem como a desenvoltura deles é mais próxima a linguagem literária, em que se permite maior abertura e criatividade discursiva utilizando até mesmo digressões e personificações. Enquanto na Rolling Stone as passagens de discurso descritivo e narrativo são para propor ritmo e fluência ao texto dissertativo, mas, um estilo em comum nisso nas revistas é a humanização do cenário, da denúncia e principalmente dos personagens, as fontes.

Na Rolling Stone as fontes são imprescindíveis na execução do texto informativo, para que a retórica da denúncia não se perca por falta de credibilidade. Na Brasileiros as fontes são em menor frequência, pois o objetivo de denunciar humanizando os personagens, e o testemunho dos repórteres aproximam o texto da forma literária das grandes reportagens, enquanto a forma da Rolling Stone em preferir mais as fontes e menos a utilização do discurso participativo do autor, indica proximidade com a reportagem investigativa.

As quatro reportagens analisadas apresentaram características intrínsecas do jornalismo investigativo e do literário. As autoras terminam este artigo com uma reflexão sobre o futuro do jornalismo literário, no qual segundo Edvaldo Pereira Lima, o jornalismo

literário evolui dos anos 1960 até o presente. “Hoje, por suas próprias características e história, é uma poderosa ferramenta para oferecer uma compreensão sobre problemas sociais. Serve não apenas para “diagnosticar” problemas, mas também para dar voz a quem tem soluções viáveis a apresentar” (VILAS BOAS, 2008, p.20).

### **Referências Bibliográficas**

ALTMAN, Fábio (org). **A Arte da Entrevista**. São Paulo: Scritta, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. Martins Fontes, 1977.

BARROS, Juliano Carlos. Fronteira Final. **Rolling Stone**. São Paulo: Spring Publicações Ltda., n.33, p.100-104, junho 2009.

FARO, J.S. **Revista Realidade, 1966-1968**: tempo de reportagem na imprensa brasileira. Canoas, RS: Ed. da ULBRA / AGE, 1999.

FILHO, Maurício Monteiro. O verdadeiro preço do etanol. **Rolling Stone**. São Paulo: Spring Publicações Ltda., n.32, p.98-104, maio 2009.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Contexto, 2005.

HIRATA, Daniel Veloso; MAGALHÃES JR, José. Os dois lados da Raposa Serra do Sol. **Revista Brasileiros**. São Paulo: Ed. Brasileiros, p.88-95, junho 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3.ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2004.

MELLO, Hélio Campos. Editorial “Número 1”. **Revista Brasileiros**, 2007, p.7.

\_\_\_\_\_. Quem somos. **Revista Brasileiros**. Disponível em: <http://www.revistabrasileiros.com.br/paginas/quem-somos/>, acessado em 01/07/2009.

PERPÉTUO, Ann Mary. Tabatinga – viagem à fronteira do Brasil com a Colômbia. **Revista Brasileiros**. São Paulo: Ed. Brasileiros, p.72-77, maio 2009.

ROCHA, Antônio do Amaral. A primeira versão. **Revista Rolling Stone**. Disponível em: <http://www.rollingstone.com.br/edicoes/1/textos/289/>, acessado em 24/06/2009.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Summus, 2005.

VILAS BOAS, Sérgio. **Jornalismo literário**: um percurso filosófico. São Paulo: ABJL / Texto Vivo Edições, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.